

DE MISERÁVEL À HEROÍNA: AS ESTRATÉGIAS DE PERSUAÇÃO NO NOVO JORNALISMO

Maria Eduarda Araújo¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O objetivo deste estudo é identificar as estratégias de persuasão contidas no Novo Jornalismo - corrente que buscava unir Literatura e Jornalismo na elaboração de reportagens com maior requinte estético - através da análise da crônica-reportagem “Eva Contra as Almas Deformadas”, da jornalista-escritora Eliane Brum. A análise será feita tomando por base o conceito de dialogismo de Bakhtin e para identificar o lugar do “fazer-fazer” e do “fazer-creer” nos textos, bem como todas as outras estratégias persuasivas, tomar-se-á como base teórica os conceitos de argumentação e persuasão difundidos por Koch (2004).

Palavras-chave: jornalismo; literatura; dialogismo; persuasão; novo jornalismo.

Abstract: This article aims to identify the strategies of persuasion contained in the New Journalism - a tendency whose objective was to unite Literature and Journalism in the productions of more aesthetical news - by analysing the ‘journalistic chronicle’ “Eva Contra as Almas Deformadas”, by journalist-writer Eliane Brum. The analysis will have as basis Bakhtin’s dialogism concept. In order to identify the place of “make-happen” and “make-believe” in the texts, as well as other persuasive strategies, the analysis will have as theoretical basis the concepts of argumentation and persuasion presented by Koch (2004).

Keywords: journalism; literature; dialogism; persuasion; new journalism.

1. Artigo apresentado às Profas. Karina Falcone e Siane Gois, como requisito para obtenção de nota nas disciplinas de Língua Portuguesa e Produção de Textos Acadêmicos, no período de 2010.2, da Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Introdução

Em tempos de efervescências culturais, quando o hibridismo aparece como uma das características principais da sociedade contemporânea, é comum perceber a fusão de várias linguagens. Aconteceu assim nas relações do jornalismo com a literatura. Principalmente a partir da década de 1960, com o sucesso dos trabalhos de Tom Wolfe e seus colegas Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese, surgiu o que se ocasionou chamar de *New Journalism* (Novo Jornalismo) ou Jornalismo Literário. Projeto estilístico que se propunha a reunir literatura e jornalismo com a finalidade de humanizar as reportagens e construí-las com ares impressionistas.

Para criar e fazer valer o novo gênero, foram utilizadas várias estratégias de persuasão, que tinham por objetivo valorar o gênero e estimular outros jornalistas a aderi-lo. Hoje, com o Jornalismo Literário já consolidado, observam-se, na construção intimista das reportagens, estratégias outras, dessa vez utilizadas para alçar temáticas comuns, com personagens da vida cotidiana, à categoria de grandes histórias.

Toda ação argumentativa está imbricada numa ação persuasiva. Os atos linguísticos são carregados de conteúdo persuasivo, pois é na linguagem que o sujeito se forma e esta é essencialmente argumentativa. A linguagem é ela própria um grande instrumento de persuasão. Ao falar estamos argumentando/persuadindo e, por consequência, materializando o nosso discurso, inevitavelmente contaminado por ideologias e juízos de valor.

Ao utilizar determinados argumentos, o enunciador tem o objetivo de persuadir o enunciatário, porque a persuasão é inerente às relações humanas. Este estudo mostrará de que forma a persuasão acontece no Novo Jornalismo, uma literatura híbrida, distante do engessado modelo jornalístico de produção e circulação de notícias.

I. Jornalismo e Literatura: correntes complementares

O principal objetivo do Novo Jornalismo era quebrar com o antigo modelo do fazer jornalístico, baseado no *lead* e no *sublead*²² e na objetividade a qualquer preço. O gênero aparece, ainda, como um produto da relação dialógica entre Literatura e Jornalismo, entendendo dialógico, aqui, como diálogo ou “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2006:19). Observa-se o dialógico como inerente a todo e qualquer enunciado e, mais do que isso, como um elemento formador da linguagem (BRAIT, 2006), pois todo discurso é produto de uma construção coletiva atrelada a momentos históricos específicos e um enunciado, nada mais é do que um elemento construído a partir das relações histórico-ideológicas dos enunciadores.

Tais relações dialógicas “podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo” (FIORIN, 2006:24). Para explicar o dialogismo proposto por Bakhtin, Fiorin (2006) cita duas categorias divisórias: o intertexto e o interdiscurso. A saber: no intertexto há uma adesão de um texto por outro, com o objetivo de reproduzir ou transformar o sentido incorporado. No interdiscurso, a atenção está voltada para os caminhos de incorporação de um discurso em outro, o que acontece através da citação (repetição de ideias de outros discursos) ou da alusão (repetição de temas ou elementos de um discurso). É no interdiscurso que se dá o Novo Jornalismo, uma vez que formado a partir da relação entre os elementos constitutivos de dois gêneros distintos, o Jornalismo tradicional e a Literatura.

2. Primeiro e segundo parágrafos de uma matéria, respectivamente. Em nome da objetividade, determinou-se que tais parágrafos devem conter os fatos principais de uma reportagem. Para tanto, responde às seguintes perguntas: O quê? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?

A partir da construção dialógica das ideias dentro desse campo especulativo e da necessidade natural que se tem de criar categorias e classificá-las, vê-se emergir um novo gênero, cuja poeticidade do discurso nasce da promoção da permeabilidade entre o plano literário e o plano jornalístico. O Novo Jornalismo procurava tornar o texto mais flexível, utilizando elementos ficcionais na construção de uma narrativa mais livre, com maiores possibilidades de apreensão e descrição dos fatos. “A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria mais difícil no exíguo espaço do jornal” (PENA, 2006:14). Sobre o gênero, Tom Wolfe escreveu, em *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, publicação considerada como o manifesto do movimento:

E, no entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que, talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance (WOLFE, 2005:19).

Há, ainda, práticas jornalísticas anteriores ao manifesto que podem ser encaradas como parte do Jornalismo Literário. Em 1897 o brasileiro Euclides da Cunha, incumbido de fazer a cobertura da Guerra de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*, escreve “Os Sertões”, narrativa com rigor estético, estilo literário e riqueza ímpar de detalhes, que se transformaria num clássico da literatura brasileira e numa das maiores obras do dito pré-modernismo. Euclides é considerado um dos pioneiros do Jornalismo Literário no Brasil e “Os Sertões” surge como uma das principais produções do gênero em âmbito nacional.

O Jornalismo Literário pode ser visto num *continuum* entre o Jornalismo e a Literatura, pois guarda características de ambos os gêneros, dando continuidade umas às outras. Legitima-se, portanto, a partir do uso de elementos referenciais reconhecidos como pertencentes aos já legitimados gêneros anteriores e surge como constituinte de um processo de hibridização e diluição de fronteiras, transita nos entre-lugares, num deslizamento capaz de dar conta de diferentes contextos. Através da conciliação de elementos contrários (Jornalismo – Literatura) pode-se descrever o percurso de significação do gênero.

Nota-se, portanto, que Jornalismo e Literatura podem ser encarados como linguagens complementares, principalmente se analisados pelo viés da quebra das dicotomias, grande desafio da Linguística atual. O entendimento do Jornalismo Literário requer uma análise distante da ideia um tanto maniqueísta demais de que jornalismo sempre está atrelado ao real e literatura à ficção e ambos os instrumentos não podem estar relacionados. Pensar que tudo que é publicado nos jornais é, de fato, verdadeiro e irrefutável é tão falso quanto pensar que a literatura é, exclusivamente, fictícia e imaginária. Até porque o maniqueísmo caiu junto com o muro de Berlim e o fim da Guerra Fria. Sorte nossa.

2. Relatar para convencer: as estratégias de persuasão

A argumentação é inerente ao processo de comunicação e está presente de maneira constitutiva na cadeia dialógica de enunciados, pois, sabemos, nos comunicamos para fazer o outro fazer ou crer em alguma coisa. Todo enunciado é, antes de tudo, uma ação sobre os outros, uma vez que dirigido a alguém com intenções específicas (KOCH, 2004).

De acordo com Bakhtin (*apud* FIORIN, 2006), a simples escolha das palavras que serão utilizadas nos gêneros/enunciados já determina uma intenção do enunciador. Logo, ao produzir um enunciado, o enunciador

está, ainda que veladamente (como acontece no Jornalismo, que preza pela imparcialidade) argumentando, construindo discursos próprios que dialogarão ou entrarão em conflito com os discursos do enunciatário, porque a produção de discursos é característica própria a qualquer comunidade humana. Logo, o princípio dialógico estabelece o elo entre a linguagem e a vida social. Partindo de Fiorin (2006), é possível entender a lógica bakhtiniana, na qual o teórico explica, ainda, que todos os enunciados estão permeados por julgamentos de valor e a junção de tais julgamentos (ideologia comum a determinada sociedade) forma o contexto no qual a enunciação ganha vida.

Ao construir discursos estamos, inevitavelmente, argumentando, o que significa dizer que estamos tencionando pontos de vista, indo além da compreensão rasa de enunciados. Koch (2004) entende a linguagem como uma ação de intencionalidade do sujeito sobre o mundo e julga utópica a neutralidade pregada por gêneros como o jornalístico. Nessa perspectiva, surgem os 'efeitos de sentido', ou 'efeitos de neutralidade', ou seja, uma vez permeado por vários discursos e mergulhado no movimento da interminável cadeia de enunciações, nenhum enunciado pode ser visto como neutro, pois sempre haverá questões ideológicas por trás. Ao lançar mão de alguns recursos, buscam-se alguns efeitos de sentido estratégicos para o objetivo da fala. Isso se dá não pela propriedade da linguagem, mas pela propriedade de quem elabora o enunciado. É o que diz Koch (2004:17):

O ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a *todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia*, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neutro', ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade.

A autora vai além e aponta o ato de argumentar como um sinônimo do ato de persuadir, pois através da argumentação procura-se “atingir a vontade do outro”, estimulando sua subjetividade, seus sentimentos, levando-o a aderir determinada conduta ou pensamento. Argumentar é expor ponto de vista e, ao fazê-lo, tem-se sempre o objetivo de convencer, ou seja, de fazer-fazer ou fazer-creer. Koch explica, também, a diferença entre convencer e persuadir. Segundo a autora, o ato de convencer traz provas objetivas, tem a intenção de provocar certezas através de evidências. Já o ato de persuadir, tem o objetivo de provocar inferências, jamais estabelece verdades absolutas.

No caso do jornalismo, local de manifestação dos efeitos de sentido, o enunciador/jornalista utiliza-se do efeito de verdade e da aparente credibilidade diante do enunciatário/leitor para exercer seu poder persuasivo. No Novo Jornalismo, a relação dialógica se amplia, pois há diálogo não apenas entre o jornalista e suas fontes e leitores, mas, também, entre os dois discursos que deram origem ao novo gênero.

O próprio Wolfe (2005) diz que o fazer jornalístico está repleto de intenções conscientes e as escolhas das narrativas estão baseadas em fatores relacionados à possibilidade de controle. É no momento da circulação da notícia/reportagem que a verdade/discurso do enunciador/jornalista ganha fôlego. É no momento da circulação que a realidade ganha significação de verdade e passa a existir enquanto discurso, num processo de negociação entre sujeitos.

O fato escolhido para ser alçado à categoria de notícia já diz muito do fazer jornalístico e traz, na circunstância de processamento da notícia/reportagem, uma forte carga persuasiva. No Novo Jornalismo, tais estratégias de persuasão surgem mais claramente em dois momentos: o da criação e legitimação do movimento enquanto gênero e o de sua utilização, ao erguer temáticas banais que, de maneira alguma teriam lugar nos jornais de larga circulação, à categoria de grandes narrativas. A

quebra com o jornalismo clássico acontece, também, na temática e nas escolhas dos personagens.

O Novo Jornalismo é o lugar do incomum, do não noticiável. Os jornalistas-escritores se valem da linguagem para tratar de tais assuntos. “A Sangue Frio”, romance-reportagem escrito por Truman Capote (2003) que foi marco do movimento e cujo processo de produção durou seis anos, por exemplo, fala sobre o assassinato de uma abastada família do Texas. Capote (2003) teve a ideia de escrever o livro após ler uma pequena nota de falecimento num grande jornal americano. Eliane Brum, uma das mais respeitadas jornalistas-escritoras da atualidade, ganhou, em 2007, o prêmio Jabuti (mais importante prêmio nacional de literatura) com “A Vida que Ninguém Vê”, livro de crônicas-reportagens publicadas no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em coluna semanal de nome homônimo, cujo mote era, exatamente, a publicação de histórias pedestres, da gente anônima, que não tem espaço nos veículos de comunicação.

Ao valer-se da literatura como instrumento narrativo, propõe-se uma sobreposição da linguagem, para que, tal qual na literatura, haja uma interpretação mais livre dos fatos narrados. Este estudo analisará a crônica “Eva Contra as Almas Deformadas”, um dos relatos publicados em “A Vida que Ninguém Vê”, quando será possível observar, a partir dos elementos persuasivos e da linguística de texto, de que maneira a jornalista-escritora, apenas através do uso da linguagem, ergue ao patamar de grande narrativa a história de uma mulher humilde, cuja existência é pautada por tragédias pessoais. No texto de Brum (2006), a personagem, que dificilmente viraria notícia, sai do anonimato da sua vida miserável e é alçada à categoria de heroína.

3. Um recorte mais detalhado: analisando a obra

Em “Eva Contra as Almas Deformadas”, Eva, a personagem sobre a qual o texto trata, aparece posta como heroína, uma lutadora que se recusou a ser vítima e enfrenta o maior de todos os obstáculos: o preconceito social. O texto levanta bandeiras contra o preconceito, toma a posição da personagem e deixa claros juízos de valor da enunciativa/jornalista.

Exemplo 1:

Eva Rodrigues preenchia todos os requisitos para sentença. Era mulher: coitada. Era negra: coitada. Era pobre: coitada.

Aqui, observa-se um juízo de valor do qual se podem fazer inferências, como: há preconceito contra negros, pobres e mulheres. Em nenhum momento, a autora fala declaradamente sobre tal preconceito, pois acredita estar este comportamento social pressuposto. Está aí uma estratégia de persuasão: colocar o velado como claro, ou deixar claro o argumento para o qual se deseja maior atenção do leitor. Nesse caso, o recurso argumentativo está exatamente em colocar o *posto* (opinião da autora de que há preconceito) como *pressuposto* (o preconceito como uma pressuposição coletiva). (KOCH, 2004).

Exemplo 2:

À Eva, o mundo reservava apenas um destino: o de ser coitada. Eva poderia estender a mão e pedir esmolas. E receberia olhares de profunda pena. Em troca da moeda, devolveria ao doador o alívio não apenas da caridade, mas o outro, secreto: a garantia de que a deformidade, assim como a loucura, está sempre no outro.

Nesse caso, a argumentação se estabelece por meio de uma *construção enfática*. A autora coloca como dada a “deformidade” da alma humana e deixa claro seu juízo de valor de que a humanidade é pequena, limitada.

Exemplo 3:

Como ela, a deformada, como ela, a deficiente, como ela, a defeituosa, ousava renegar a mão da caridade, irmã da pena, prima da hipocrisia?

Aqui, há o uso de adjetivos, prática evitada pelo jornalismo tradicional, que busca sempre a imparcialidade. Logo, observa-se também o já citado “efeito de objetividade”, que reveste a prática jornalística de uma neutralidade que, como vimos, não existe, pois a argumentação é inerente à linguagem. Já que, como disse Koch (2004), “*não existe escolha neutra: o que existe, apenas, é uma escolha que parece neutra, a partir da qual se podem estudar as modificações argumentativas*”. Há, ainda, a repetição do termo “como ela”, que caracteriza o uso da estratégia de persuasão *cumulativa*, utilizada para reforçar a ideia básica do texto.

Exemplo 4:

Como ousava Eva ser diferente em um mundo onde a igualdade das idéias é a única garantia de segurança? Como ousava Eva vencer pelo espírito no mundo da aparência?

É interessante observar, nesse trecho, a *repetição* do verbo “ousar”, cujo significado traz uma carga valorativa, apontando como positivo determinado ato da personagem. A seleção lexical molda o argumento. A ousadia reforça a ideia de heroísmo atribuída à personagem. A argumentação se apresenta, também, na utilização de *perguntas retóricas* (*Como ousava Eva ser diferente...?*), quando a afirmação aparece em forma de pergunta.

Exemplo 5:

Mesmo com as melhores notas, foi obrigada a repetir o ano(...).
Que os venceria, **nem** que fosse pelo cansaço. Que pedissem tudo a ela, **menos** o impossível.

Nesse caso, a estratégia de persuasão se dá a partir da *quebra de expectativa* delimitada pelo uso do termo “mesmo”. O esperado era que, com boas notas, Eva passasse de ano, mas não foi o que aconteceu, fato que reforça a existência de preconceito contra a personagem. A autora utiliza, ainda, operadores discursivos - *nem*; *menos* - para estabelecer condições. Ambos servem para corroborar a ideia de que Eva não irá se render, mesmo diante de intempéries e surtem valor persuasivo através da negação/condição.

Exemplo 6:

Apenas para comprovar que a ignorância está onde menos se espera. Eva, **a deficiente física**, respondeu à **deficiente de alma**:

- Em primeiro lugar, eu não vou desistir. Em segundo, a vida é um risco. Não só para mim. Mas para todo mundo.

Aqui, a persuasão acontece por meio das *oposições*: deficiente física x deficiente de alma. Ao estabelecer polos opostos, a autora defende e valora positivamente um dos lados, ainda que de maneira implícita, o que evidencia seu juízo de valor sobre o fato. Outro ponto a ser ressaltado é o uso do travessão, um elemento característico da literatura. No jornalismo tradicional, seria comum o uso das aspas.

Exemplo 7:

Por fim, como Eva não desistisse (...). E Eva não caiu (...). Eva não desistiu (...). Eva ousou vencer a aposta.

Nota-se, a partir da análise de alguns trechos retirados de diferentes momentos da crônica-reportagem, que a ideia central é reforçada o tempo inteiro. Descreve o percurso heróico do sujeito, que sai da *opressão/sujeição* imposta por uma sociedade preconceituosa e busca *autonomia/liberdade*.

Exemplo 8:

*Quando descobriam que Eva não era coitada, que emprega-la não era um ato de caridade, tudo mudava. Quando descobriam que Eva era capaz, que era preciso competir com sua mente, não com seus tremores, tudo se alterava (...). Uma assinatura encerrou o **capítulo de uma vida**. Eva ingressou na justiça. A defensora pública não compareceu ao julgamento alegando não ter sido avisada. Eva continuou.*

Nesse trecho, vê-se um encadeamento de ideias a partir da *qualificação* de Eva (não era coitada; era capaz). A argumentação se dá, então, através do *tema* (Eva) e do *comentário* (era capaz), o que revela o caráter polifônico do relato. Observa-se, ainda, o uso de metáfora, figura de linguagem utilizada ao longo de todo o texto. No jornalismo diário, tal artifício, se permitido, deve ser evitado ao máximo, pois se prega a elaboração de um texto direto, objetivo, simples. A metáfora ajuda a construir veladamente o efeito de sentido e veste-se de conteúdo persuasivo. Também é possível perceber que ao contrário do que prega o jornalismo, a autora parece ter ouvido apenas um lado da história, o de Eva, uma vez que não há declarações da defensora pública ou do Supremo Tribunal Federal, o que evidencia ainda mais o distanciamento do jornalismo tradicional em nome do apuro narrativo, da defesa de uma ideia através da linguagem.

Exemplo 9:

Eva mudou-se para Porto Alegre. Empregou-se como doméstica e terminou o ensino médio. Suas mãos, assim como sua alma, eram escalavradas por cicatrizes. Mas já não sangravam.

É importante observar que a passagem do tempo é narrada de um modo completamente subjetivo, diferente daquilo que seria permitido no jornalismo tradicional. A autora se coloca como narradora onisciente e fala da alma da personagem, ou seja, vai além do que a personagem poderia ter dito como depoimento. Vale ressaltar que objetividade, imparcialidade e textos claro e conciso são alguns dos aspectos pregados pela cartilha jornalística, mas que, sabemos, estão distantes da prática cotidiana do jornalismo, baseado num “efeito de objetividade”, não numa objetividade propriamente dita.

Exemplo 10:

A vida é pródiga de paradoxos. O de Eva é que a odeiam porque não podem sentir pena dela. E o do mundo é que as piores deformações são as invisíveis.

A autora encerra o texto com um posicionamento sobre a história da personagem e, mais ainda, com uma opinião sobre a condição humana em geral. Está posta, aqui, uma das principais diferenças entre o Novo Jornalismo e o Jornalismo Tradicional, uma vez que neste, ao contrário do que acontece naquele, não é permitido ao jornalista/autor emitir declaradamente qualquer opinião sobre a temática narrada.

4. Considerações finais

Partindo dos pressupostos teóricos acima demonstrados, o Jornalismo Literário pode ser definido como uma linguagem de transformação, um

gênero que surge do entrelaçamento de opostos, da permeabilidade de fronteiras, e expressa a multiplicidade das práticas do contemporâneo. O Novo Jornalismo mora no lugar do interdiscurso e ao promover a união de elementos constitutivos de dois gêneros distintos, forma um terceiro gênero. Surge, pois, como o produto dialógico de uma infinita cadeia de enunciações.

A argumentação/persuasão, por sua vez, é um ato constitutivo da prática linguística, visto como outro modelador do processo de interação humana e também aparece como um resultado de tal funcionamento dialógico. Todo ato linguístico está carregado de intencionalidade e essa carga é responsável por direcionar o discurso, elaborado sempre com a intenção de convencer, ainda que isso não seja explicitamente dito. Dessa maneira, a argumentação está situada para além dos fatos, porque parte indissociável do processo linguístico por ele mesmo.

As pessoas se comunicam para convencer as outras sobre determinado pensamento ou conduta. Observar as estratégias de persuasão contidas na narrativa do Jornalismo Literário é um importante exercício que ajuda a entender melhor o gênero e analisá-lo com autonomia, escapando da polêmica estéril entre ficção e realidade.

É possível concluir que o cerne da questão está no necessário desprendimento de antigas concepções e na abertura para novas visões, que permitam criar diferenciados mapas linguísticos e culturais, pensando sempre que um gênero está inevitavelmente imbricado no outro. No mundo do “agora”, em que nada mais pode ser visto de maneira definitiva e nenhum processo pode ser dado como terminantemente findo, essas visões críticas se dão muito menos pela simples vontade de criação de novos aportes teóricos e muito mais por uma necessidade. Enxergar o Novo Jornalismo distante da lógica cartesiana formal e dos preceitos kantianos de razão pura é essencial para o entendimento do que é o gênero em si.

Referências Bibliográficas

- BRAIT, Beth (2006). *Bakhtin – Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.
- BRUM, Eliane (2006). *A Vida que Ninguém Vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- CAPOTE, Truman (2003). *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FIORIN, José Luiz (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- _____ (2006). *Intertextualidade e Interdiscursividade*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.
- KOCH, Ingedore (2004). *Linguagem e Argumentação*. São Paulo: Cortez.
- PENA, Felipe (2006). *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto.
- _____ (2005). *O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito*. Pesquisa registrada na Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro.
- WOLFE, Tom (2005). *Radical chique e o Novo Jornalismo*. Companhia das Letras.